



O CONTEXTO FAMILIAR E O USO DE DROGAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Antonio Batista Alves Neto¹, Solange Franci Raimundo Yaegashi²

RESUMO: O objetivo do presente artigo consiste em verificar as possíveis influências familiares para a inserção da criança e do adolescente no uso de drogas, buscando tecer algumas considerações a fim de contribuir com debates e reflexões em torno das práticas de prevenção. Para tanto, realizou-se uma pesquisa por meio da qual foram analisados documentos sobre a última pesquisa nacional realizada pelo Estado. Verificou-se, que 29,19% dos usuários observados por pesquisas governamentais em 2012 relataram ter utilizado drogas pela primeira vez por influência dos problemas familiares. Constatou-se ainda, que dentre as grandes causas de incentivo ao uso de drogas estão as influências por parte dos amigos (26,7%). Chegou-se à conclusão de que é necessário que os diversos setores da sociedade atual observem a família como um grande potencial para lidar com a prevenção do uso de drogas, uma vez que alguns fatores de risco podem ser observados e mediados no tempo certo, evitando-se assim problemas futuros.

Palavras-chave: adolescente; criança; drogas; família.

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas que visam verificar as influências para o uso e o abuso de drogas têm ganhado cada vez mais espaço em uma sociedade que se vê, cada dia mais, tomada por um contexto problemático no que se refere ao tráfico de drogas.

Para contextualizar brevemente a problemática em questão ao analisar os dados disponibilizados pelo Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID), é possível observar que de forma geral houve um aumento significativo quanto ao uso de drogas no Brasil, por exemplo: na região Centro-Oeste do Brasil, em 2001 registrou-se que 60,5% dos entrevistados já haviam feito uso de álcool na vida, já em 2005 (última pesquisa realizada) registrou-se que 73,6% dos entrevistados haviam feito uso de álcool ao menos uma vez na vida. Na região Norte, de 2001 a 2005, registrou-se um aumento de 53% para 53,9%. Na região Sul, o aumento foi de 69,4% para 73,9%, sendo o Sudeste brasileiro a região de maior aumento nos índices, de 71,5% para 80,4%. Apenas a região Nordeste do país registrou uma diminuição quanto ao uso de álcool, que foi de 68,4% em 2001 para 66,8% em 2005. Ainda sobre esse contexto observemos na Tabela 1 uma pesquisa realizada pelo OBID (2001, 2005) comparando o uso na vida de diversos tipos de drogas por “jovens” entre 12 e 17 anos de idade, onde se verificou a iniciação dos jovens no consumo do álcool e do cigarro (tabaco comum) que posteriormente levam a outras drogas.

Ainda segundo uma pesquisa realizada pelo OBID, em 2004 nas 27 capitais brasileiras, a faixa etária em que se registrou o primeiro uso de drogas na vida (sendo as drogas mais comuns: álcool, tabaco, crack, maconha e cocaína) está entre os 12 e 15 anos de idade, com variações de 1,8 a 2,4 anos para mais ou para menos (BRASIL, 2004), como podemos observar no gráfico 1.

Considera-se então que a problemática do uso de drogas tem se tornado, cada dia mais, um obstáculo para o avanço de vários setores da sociedade atual. Por isso, a prevenção do uso de drogas se constitui hoje em um grande desafio para setores como família e escola. Verifica-se, então, a necessidade de uma maior prevenção do consumo, que deve ser feita por toda sociedade de uma forma geral, mas trata-se especificamente aqui a parte que confere à família.

Antes de avançarmos nas considerações, é necessário apontar a dificuldade encontrada por pesquisadores e até mesmo por órgãos do Estado em realizar pesquisas que visem traçar o nível de uso de drogas e suas influências, uma vez que, como relatado em pesquisa realizada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD, 2013) em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ – 2013 p. 7), a

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

² Professora Doutora da Universidade Estadual de Maringá – UEM de Maringá – UEM.



qual definiu o perfil dos usuários de crack no Brasil, não é tarefa fácil investigar o uso de drogas, uma vez que os usuários em situações de risco nem sempre estão dispostos a sequer conversarem.

Sendo assim, faz-se necessário observar que ao analisar documentos como o “Relatório do Perfil dos usuários de crack e/ou similares no Brasil” (FIOCRUZ, 2014), entre outros estudos que delimitam a idade de ingresso no mundo das drogas pelos então usuários e as possíveis influências, é possível observar que estudos como esse só foram realizados até hoje por meio de questionários que apontam a idade de início destes no uso de drogas. Esse breve esclarecimento se faz necessário para entender que o perfil dos usuários tem sido traçados, às vezes, anos ou décadas após o primeiro uso, o que pode indicar um atraso muito grande nos organismos de prevenção e identificação.

A presente pesquisa está organizada em duas partes. Na primeira parte apresentamos os materiais e métodos utilizados onde buscamos descrever os passos e dados dos procedimentos/recursos que foram utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Na segunda parte, apresentamos os resultados e as discussões encaminhadas buscando destacar as principais reflexões possibilitadas.

E para dar conta do que foi proposto, realizou-se aqui uma pesquisa bibliográfica em materiais de autores que buscaram entender a problemática em questão, bem como uma pesquisa documental em que se fez uso dos documentos do Estado brasileiro como os documentos disponibilizados pela Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD) (BRASIL, 2014), dos dados relacionados ao uso de drogas disponibilizados no Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas (OBID) (BRASIL, 2013), e da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2014) de onde foram retirados os conhecimentos teóricos legislativo pautaram as diversas análises aqui realizadas.

Cabe especificar aqui que não é objetivo dessa pesquisa investigar ou até mesmo discutir os problemas sociais no que se refere ao tráfico de drogas. Mas, tem-se como objetivo geral evidenciar o tamanho das possíveis influências que o contexto familiar pode trazer para que uma criança ou adolescente faça ou não uso de drogas, buscando tecer considerações sobre as tais influências visando contribuir com debates e reflexões em torno das práticas de prevenção. Outra observação necessária é a de que encontramos nessa pesquisa diversas influências com porcentagens ainda mais significativas para o uso de drogas do que as influências familiares, mas uma vez que o estudo objetivou a influência familiar no uso de drogas, limitou-se então às discussões apenas ao referido espaço, a família. Neste sentido, a questão que pretendemos responder com o presente estudo é a seguinte: até onde a família pode determinar a inserção de uma criança ou adolescente no uso de drogas e o que pode fazer para a prevenção?

Apresentadas as considerações iniciais do problema, verifiquemos o que os estudos mostram sobre as influências familiares para o uso de drogas.

2 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho justifica-se diante do tamanho da problemática enfrentada nos dias de hoje pelas famílias e sociedade em geral no que se refere ao uso de drogas. Os dados apresentados pelo OBID (BRASIL, 2013) são a materialização do referido problema. O contexto, aqui apresentado, dos problemas gerados pelo uso de drogas e as vulnerabilidades da família, evidenciadas nesta pesquisa, nos dão uma visão importante para pensar o problema, tendo em mente que os desafios enfrentados por essa sociedade podem estar só começando. Sendo assim, se faz necessário que pesquisas de todos os tipos sejam realizadas, para que um dia possamos compreender e poder contribuir com reflexões e avanços no que se refere ao uso de drogas, mas principalmente no que se refere às condições familiares para lidar com os problemas ligados as drogas.

3 OBJETIVOS

Geral: verificar as possíveis influências familiares para a inserção da criança e do adolescente no uso de drogas.

Específico: tecer algumas considerações a fim de contribuir com debates e reflexões em torno das práticas de prevenção.

4 MATERIAL E MÉTODOS

Utilizamos como base para nossa pesquisa os dados disponibilizados pelo OBID, que verificou que parte das políticas públicas desenvolvidas no Brasil entre 2001 e 2005 realizou um levantamento das características dos usuários de drogas de maneira geral. Esse trabalho foi retomado no dia 20 de maio de 2010, por meio do decreto nº 7. 179, com o qual a presidência da república instituiu o plano integrado de enfrentamento ao crack e outras drogas ilícitas. Com base nesse plano, a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) organizou um estudo em parceria com Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) que delimitou algumas características dos usuários



de crack no Brasil. Segundo a Fiocruz (2014), os gastos aproximados dessa pesquisa, alcançaram os números de R\$ 6.914.831,00. A pesquisa foi realizada nas 26 capitais e no Distrito Federal. Durante essa pesquisa, que durou 25 dias ao longo de 6 meses, os profissionais treinados realizavam abordagens com usuários em diversos espaços nos locais pesquisados, com a intenção de gerar um levantamento das características dos mesmos. Além da pesquisa, foi disponibilizado para os usuários testes de HIV e Hepatite C (FIOCRUZ, 2014).

Quanto aos resultados apresentados pela Fiocruz, a maior parte dos usuários encontrados nas cenas analisadas tinha entre 18 e 24 anos de idade, que chegaram a 30% do total em todo o Brasil. Seguido das pessoas entre 25 e 29 anos que alcançaram o número de 20% nos locais observados. Outra informação a ser considerada para traçar o perfil dos usuários de crack é que 78,7% eram homens e 80% de todos os entrevistados se declararam não brancos. Além disso, 60% de todos os usuários entrevistados no Brasil se declararam solteiros e, como podemos observar no gráfico 2, 55% dos usuários deixaram a escola entre a 4ª e a 8ª série (atualmente os 5º e 9º anos).

Segundo a tabela 2, disponibilizada no caderno epidemiológico da Fiocruz (2014) foco de análise dessa breve pesquisa, as respostas dos usuários quanto ao motivo para o uso de drogas foi o seguinte: problemas familiares diversos (Perdas afetivas, violência sexual, desarmonia), 29,2%; por pressão dos amigos, 26,7%; dentre outros fatores de menor e maior influência.

Com base nos resultados apresentados e sendo esse o levantamento de maior escala e mais atual, analisamos então, do ponto de vista de autores que buscam compreender as problemáticas do uso de drogas e as relações familiares, o que mais as últimas pesquisas (elencadas aqui) podem nos mostrar sobre o tema, evidenciado possibilidades e limitações para esse processo buscando atender o objetivo proposto, verificar as possíveis influências familiares para o uso de drogas e tecer considerações sobre o assunto.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Verificou-se que 29,2% dos usuários entrevistados na última pesquisa governamental em todo o Brasil relataram ter iniciado o uso de drogas por influência de problemas familiares, como por exemplo, perdas afetivas, violência sexual e desarmonia. Apesar do relatório da pesquisa não apresentar maiores detalhes sobre tais problemas e seus desdobramentos realizou-se as seguintes considerações em torno do problema localizado:

[...] 29,2% dos entrevistados disseram que um dos motivos para início do uso da droga foram os problemas familiares ou perdas afetivas (IC95%: 26,7-31,8). Esses achados apontam para duas questões centrais em políticas públicas: reforçar laços familiares de modo a minimizar os conflitos e prevenir o consumo e/ou facilitar a ressocialização do usuário, trabalhando não apenas com o usuário individual, mas também com suas redes sociais e suas famílias (BRASIL, FIOCRUZ, 2014, p.15).

Já de início, cabe enfatizar que não existe aqui a intenção de culpabilizar a família por tal problema, mas sim, verificar pontos vulneráveis e como eles poderiam ser diferentes contribuindo assim para uma mudança significativa no atual quadro do uso de drogas.

Sobre as considerações apontadas no próprio relatório da Fiocruz (2014) certamente, realizar um planejamento que vise reforçar os laços familiares é uma das estratégias necessárias a serem adotadas. E sobre isso, realizamos a seguinte consideração: como tais laços serão reforçados? Quais os caminhos a serem trilhados após a identificação do atual e problemático quadro? Tais questões pertencem à responsabilidade de qual setor?

Para nos ajudar compreender um pouco do problema, recorremos a Bock (2001) que relata um ponto relevante sobre uma das influências para o uso de drogas e as possibilidades de observação do espaço familiar:

Bem, são muitos os símbolos de auto-afirmação na adolescência e muitos deles são legítimos (vale ressaltar aqui que outras culturas também utilizam esquemas para provar o valor do jovem). Ocorre que, numa sociedade como a nossa, na qual impera a lei do mercado, o jovem (e também o adulto e a criança) fica à mercê dos esquemas de convencimento do sistema comercial, que explora muito bem esse campo psicológico da necessidade de símbolo e, particularmente, de símbolos auto-afirmativos (BOCK, 2001, p. 298).

Dessa forma, caberia à família zelar, em primeira instância, pelo esclarecimento de tantas influências, sendo necessário, primeiramente, que a família compreenda suas responsabilidades nesse momento. A autora ressalta ainda que:

[...] não é necessário possuir um perfil psicológico específico para se tornar um narcodependente. O consumidor da droga não é alguém que está infeliz ou que precise da droga para superar problemas de qualquer ordem. A droga (incluído o cigarro e o



álcool) é um produto que fornece um prazer imediato e é esse prazer que irá garantir o consumo (além de fatores desencadeados pelo próprio grupo) (BOCK, 2001, p. 299).

Ou seja, é importante sim conhecer e estar atento aos sinais de risco e características apresentadas pelas pesquisas atuais, no entanto, o ponto mais importante ao qual a família deve se deve é o de que não existem pré-requisitos fixos e imutáveis para o uso de drogas, cabendo aos responsáveis serem participativos o suficiente na rotina dos filhos a ponto de conhecer e atender suas necessidades, não dando assim, espaço para que outras influências externas o façam com maior poder.

A esse respeito, Bock (2001) discute o contexto que pode levar um adolescente ao uso de drogas, argumentando que o desejo de construir-se a si mesmo, ser independente, tomar suas próprias decisões e responsabilizar-se por elas são valores presentes tanto no grupo familiar quanto entre os jovens.

Já o uso da droga poderá ser uma norma para determinar grupos juvenis, mas certamente será proibido pela família. Entretanto, o jovem que respeite os valores familiares de tomar suas próprias decisões e responsabilizar-se por elas (valores também do grupo juvenil), poderá optar pelo uso de droga, como prática grupal, apenas para demonstrar sua coragem e capacidade de decisão. Ele, ao mesmo tempo que atendeu a um valor familiar (coragem, decisão independência), transgrediu uma norma do grupo familiar de não utilização de drogas. A tendência do jovem será no sentido de evitar a dissonância, procurando adequar essas contradições, ora evitando a norma do grupo juvenil, ora questionando os valores familiares. Como isso nem sempre é possível, será submetido a um estado de angústia que representa a ambiguidade de não ser mais menino e ainda não ser adulto (BOCK, 2001, p. 297).

Se aliarmos, então, os dados disponibilizados pela Fiocruz (2014) às considerações de Bock (2001), para além dos fatores familiares que oferecem risco e geram possibilidades de interesse pelas drogas, a família deve, ainda, observar os fatores ao seu redor, como por exemplo as amizades do filho, para que suas fragilidades não sejam exploradas por situações do dia a dia nas quais o adolescente ficará propenso a decidir por experimentar e correr o risco de se envolver com as drogas de uma forma geral.

Outro aspecto a ser observado no relatório FIOCRUZ (2014) e nos estudos do OBID (2013) é a caracterização dos então usuários, a seguir:

- O primeiro uso de drogas na vida (sendo as drogas mais comuns: álcool, tabaco, crack, maconha e cocaína) está entre os 12 e 15 anos de idade. Com variações de 1,8 a 2,4 anos para mais ou para menos (OBID, 2013);
- Outro fator a ser apontado é que a maior alta nos índices está no consumo de álcool, que foi de 48,3% dos entrevistados (2001) (maior índice de todas as drogas relatadas) para 54,3% (2005) (OBID, 2013);
- Quanto aos resultados apresentados pela FIOCRUZ (2014), observa-se que a maior parte dos usuários encontrados nas cenas analisadas tinha entre 18 e 24 anos de idade, que chegaram a 30% do total em todo o Brasil e todos relataram fazerem uso do álcool, definido aqui como o início ao mundo das drogas (FIOCRUZ, 2014);
- O perfil dos usuários de crack é de 78,7% homens (FIOCRUZ, 2014);
- 80% de todos os entrevistados se declararam não brancos segundo o relatório do perfil dos usuários de crack no Brasil da Fiocruz (2014);
- 55% dos usuários deixaram a escola entre a 4ª e a 8ª série (atualmente os 5º e 9º anos). (FIOCRUZ, 2014);
- Houve um aumento no consumo em todo o Brasil, com exceção do Nordeste (OBID, 2005).

Diante do atual e complexo quadro de possíveis influências familiares para o então uso de drogas, é necessário que a postura do Estado seja de apoio à família. Mas, é necessário materializar as atitudes, elencando ações planejadas a curto, médio e longo prazo. Uma das grandes possibilidades de apoio à família é a escola:

Cabe observar, no entanto, que a ampla maioria dos usuários esteve em algum momento na escola, reforçando assim a importância de programas de prevenção em âmbito escolar desde os níveis iniciais de escolarização e a necessidade de atuar tanto em relação a evitar esforços no sentido de manter estas populações nas escolas, de modo que obtenham uma formação adequada; quanto a aumentar a capacidade das escolas em lidar com uma população às voltas com problemas psicossociais relevantes (BRASIL, FIOCRUZ, 2014, p.11).

Não foi objetivo desta pesquisa solicitar à família que tenha um conhecimento especializado no que se refere à prevenção de uso de drogas, pois essa já tem muito a cumprir em relação às suas atribuições. Mas é importante destacar à família o quão vulnerável seu filho pode estar em relação ao uso de drogas, para que esta



se atente e busque o atendimento necessário junto aos “sistemas de proteção”, pois pode ser a primeira a detectar problemas relacionados aos narcóticos.

Outra consideração relevante é de que o ser não se forma isoladamente, mas sim nas relações sociais (VYGOTSKY, 1994). Eis aí o momento em que os jovens ficam propensos às influências da sociedade, sejam elas positivas ou negativas, como a possibilidade de fazer uso de qualquer tipo de drogas. Cabe à família estar atenta, buscar parcerias com a escola (laço esse fundamental para lidar com o problema do uso de drogas) e então compreender da melhor forma possível esse momento na tentativa de traçar as estratégias mais eficazes para a prevenção desses e de outros males.

Para concluir recorremos a Vanni (2012, p. 191), o qual esclarece que “algumas condições do âmbito familiar são fatores decisivos que protegem os adolescentes da probabilidade de caírem nas drogas. Entre esses, recordamos, sobretudo, a unidade e a estabilidade da família, um clima de serenidade e coerência educativa entre os pais”. É possível pensar na aplicabilidade dessas observações? Evidentemente não é fácil, mas faz-se necessário buscar uma compreensão da família e apoio do Estado e sociedade em geral para dar conta desses e outros problemas evidenciados na atualidade.

Figuras, Gráficos

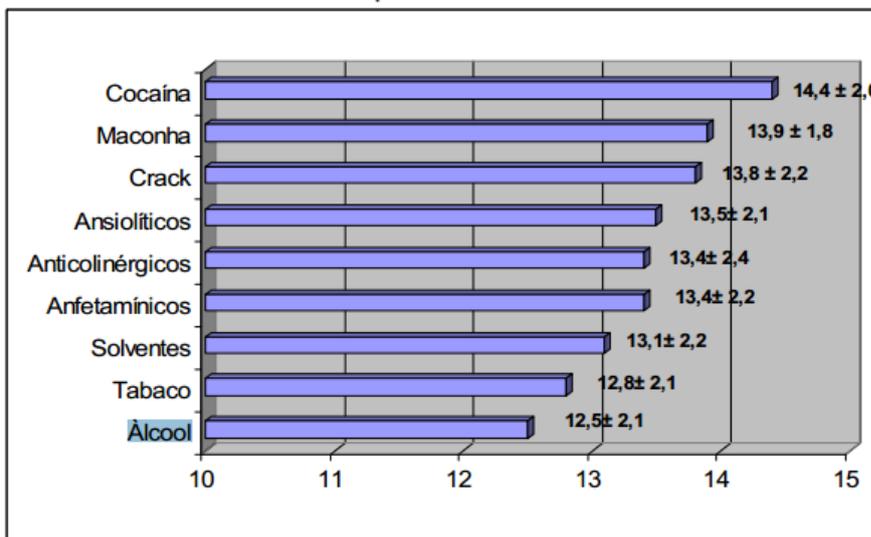


Gráfico 1: Idade média e desvio padrão na qual usou pela primeira vez algum tipo de substância psicoativa. Fonte: V Levantamento Nacional sobre o consumo de Drogas Psicotrópicas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras – 2004.

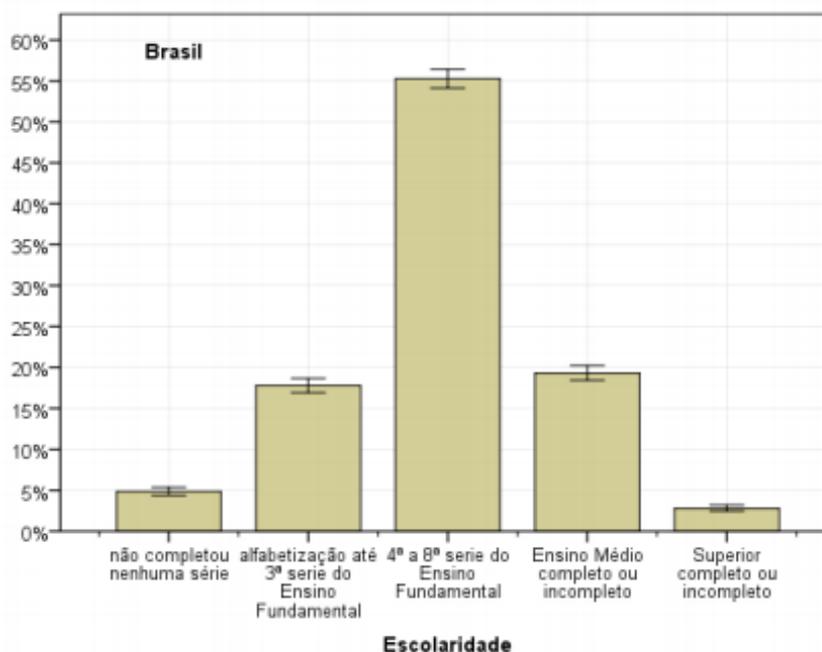


Gráfico 2: Escolaridade dos usuários de crack

Fonte: Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas (OBID)

Tabelas e Quadros

Tabela 1 - Comparações das freqüências de uso na vida de drogas no Brasil, em 2001 e 2005 (em %). Jovens de 12 a 17 anos

| Drogas | Período de tempo | | | | | |
|-------------------|------------------|------|-------|------|------|-------|
| | Uso na vida | | | | | |
| | 2001 | | | 2005 | | |
| | M | F | Total | M | F | Total |
| Maconha | 3,4 | 3,6 | 3,5 | 3,9 | 2,5 | 4,1 |
| Cocaína | 0 | 0,9 | 0,5 | 0,4 | 0,4 | 0,5 |
| Crack | 0,2 | 0,4 | 0,3 | 0,1 | 0 | 0,1 |
| Heroína | 0 | 0,2 | 0,1 | 0 | 0 | 0 |
| Alucinógenos | 0,2 | 0,4 | 0,3 | 0,7 | 0,1 | 0,7 |
| Solventes | 3,0 | 3,8 | 3,4 | 2,7 | 3,2 | 3,4 |
| Codeína | 0,6 | 2,7 | 1,6 | 0,7 | 2,0 | 1,4 |
| Benzodiazepínicos | 1,3 | 0,4 | 2,2 | 0,9 | 0,7 | 1,0 |
| Estimulantes | 0 | 0,4 | 0,2 | 1,6 | 0 | 2,9 |
| Barbitúricos | 0 | 0,2 | 0,1 | 0 | 0,3 | 0,2 |
| Álcool | 52,2 | 44,7 | 48,3 | 52,8 | 50,8 | 54,3 |
| Tabaco | 15,2 | 16,2 | 15,7 | 16,8 | 11,3 | 15,2 |

Fonte: I e II Levantamento Domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil. 2001 e 2005

Tabela 1: Freqüência do uso de drogas no Brasil.

Fonte: Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas (OBID)



| | BRASIL | | | Capitais | | | Não-capitais | | |
|--|--------|----------|----------|----------|----------|----------|--------------|----------|----------|
| | % | IC95% | | % | IC95% | | % | IC95% | |
| | | Inferior | Superior | | Inferior | Superior | | Inferior | Superior |
| Conseguiu a droga / Sentiu vontade ou curiosidade de ter o efeito da droga | 58,3 | 55,2 | 61,3 | 58,0 | 54,3 | 61,5 | 58,9 | 53,2 | 64,5 |
| Perdas afetivas / Problemas familiares / Violência sexual | 29,2 | 26,7 | 31,8 | 30,6 | 27,3 | 34,2 | 26,1 | 23,4 | 29,0 |
| Por pressão dos amigos | 26,7 | 23,9 | 29,7 | 24,4 | 21,6 | 27,5 | 31,6 | 25,8 | 38,0 |
| Vida ruim, sem perspectivas | 8,8 | 7,5 | 10,4 | 8,6 | 7,0 | 10,6 | 9,2 | 7,0 | 12,1 |
| Perda do emprego/fonte de renda | 1,6 | 1,1 | 2,3 | 1,4 | 0,9 | 2,1 | 1,9 | 1,0 | 3,9 |
| Preço barato | 1,3 | 0,9 | 1,8 | 0,9 | 0,5 | 1,4 | 2,2 | 1,4 | 3,4 |

Tabela 2: Motivos que levaram ao uso de drogas.

Fonte: Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2014).

6 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo evidenciar as possíveis influências familiares para a inserção da criança e do adolescente no uso de drogas, buscando tecer algumas considerações a fim de contribuir com debates e reflexões em torno das práticas de prevenção.

Chegamos à conclusão que é de suma importância que haja uma constante investigação por parte do Estado, na tentativa de delimitar os riscos e formas de prevenção do uso de drogas. Além disso, é necessário que as escolas estejam conscientes de que lidam com crianças e adolescentes que podem vir a fazer uso de narcóticos, sendo responsabilidade desta identificar, mas não tratar esses jovens, cabendo ao Estado realizar seu trabalho de intervenção especializada. À escola cabe ensinar! Ao Estado cabe oferecer oportunidades de escolhas a esses adolescentes! E à família? Até onde a família pode determinar a inserção de uma criança ou adolescente no uso de drogas e o que pode fazer para a prevenção?

A família é a base dessa sociedade, podendo lidar com esse e outros problemas. Sozinha? Evidentemente que não. A família vulnerável jamais terá condições de rever sua “organização”. Família e escola (como representante direta do Estado) tornam-se uma força significativa na prevenção desse e outros males.

Por fim, verificar as possíveis influências familiares para a inserção da criança e do adolescente no uso de drogas não é tarefa fácil. Certamente muito já foi realizado e muitos avanços já tivemos, mas ainda há muito a ser feito. Neste sentido, seria importante que outros estudos sejam feitos a fim de que se possa pensar em estratégias eficazes de intervenção para a prevenção do uso de drogas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. Observatório Brasileiro de Informações sobre Droga; **Indicadores (2001 – 2005)**. Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>>. Acesso em 4 de Julho. 2015

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. **Observatório Brasileiro de Informações sobre Droga**; Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/>>. Acesso em 4 de agosto. 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. **Secretaria Nacional de Políticas sobre Droga (SENAD); Legislação**. Disponível em <<http://portal.mj.gov.br/senad/>>. Acesso em 8 de julho. 2014.

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. **Secretaria Nacional de Políticas sobre Droga (SENAD); Relatório do perfil dos usuários de crack no Brasil**. Disponível em <<http://portal.mj.gov.br/senad/>>. Acesso em 8 de julho. 2014.

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. Observatório Brasileiro de Informações sobre Droga. **Idade do primeiro uso de drogas – Gráfico 2004 - 2005**. Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>>. Acesso em 19 de julho. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) **Caderno epidemiológico, relatório do perfil dos usuários de crack no Brasil**. Disponível em <<http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/maior-pesquisa-sobre-crack-j%C3%A1-feita-no-mundo-mostra-o-perfil-do-consumo-no-brasil>> Acesso em 25 de julho de 2014, p. 1 - 27.



BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. Observatório Brasileiro de Informações sobre Droga; **Tabelas por região; Centro-oeste 2001-2005**. Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>>. Acesso em 4 de agosto. 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. Observatório Brasileiro de Informações sobre Droga; **Tabelas por região; Norte 2001-2005**. Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>>. Acesso em 4 de agosto. 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. Observatório Brasileiro de Informações sobre Droga; **Tabelas por região; Sul 2001-2005**. Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>>. Acesso em 4 de agosto. 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. Observatório Brasileiro de Informações sobre Droga; **Tabelas por região; Sudeste 2001-2005**. Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>>. Acesso em 4 de agosto. 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. Observatório Brasileiro de Informações sobre Droga; **Tabelas por região; Nordeste 2001-2005**. Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>>. Acesso em 4 de agosto. 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. Observatório Brasileiro de Informações sobre Droga. **Comparações das frequências do uso na vida de drogas no Brasil, em 2001 e 2005 (em %). Jovens de 12 a 17 anos**. Disponível em <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Dados_Estatisticos/indicadores/327426.pdf>. Acesso em 29 de julho. 2014

BOCK, Ana Mercês Bahia Maria. A psicologia e as psicologias. In: BOCK, Ana Mercês Bahia Maria; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13ª Ed. São Paulo, Editora Saraiva, p. 290, 297-300; 2001.

VANNI, Antonello. **Adolescentes entre dependências e liberdade**: manual de prevenção para pais e educadores. São Paulo: Paulinas, 2012. Coleção Psicologia Familiar.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.